

A QUEDA DE ASSAD É UMA DERROTA PARA A RÚSSIA, MAS NÃO UMA VITÓRIA PARA OS EUA

Por Anatol Lieven*



Imagem gerada por inteligência artificial.

Ao menos por enquanto, quem parece ter lucrado inquestionavelmente com a queda de Assad e a vitória do HTS na Síria é a Turquia de Recep Tayyip Erdogan.

A queda do estado Baath na Síria é uma derrota séria para a Rússia (e um desastre para o Irã). No entanto, seria um erro grave supor que isso necessariamente se torna um sucesso para os Estados Unidos. Moscou e Washington podem de fato enfrentar desafios semelhantes na Síria.

Três questões levaram a Rússia a intervir na guerra civil síria para salvar o regime de Assad. A primeira foi um desejo geral de preservar um estado parceiro – um dos poucos restantes para a Rússia depois da derrubada dos regimes no Iraque e na Líbia pelos EUA, o que ajudou a sustentar a influência internacional de Moscou. A segunda foi o desejo de manter as únicas bases navais e aéreas da Rússia no Mediterrâneo.

A terceira foi um profundo medo russo de que uma vitória islâmica levaria a Síria a se tornar uma base para o terrorismo contra a Rússia e seus parceiros na Ásia Central. Essa ansiedade foi aumentada pela presença de vários combatentes da Chechênia e de outras regiões muçulmanas da Rússia nas fileiras das forças islâmicas na Síria e no Iraque.

A esperança de Moscou de preservar um estado parceiro agora entrou irremediavelmente em colapso. Quanto à ameaça terrorista, teremos que ver.

Dados os enormes desafios que enfrentará na reconstrução do Estado sírio, pareceria insano para o novo regime liderado por Hayat Tahrir al-Sham (HTS) patrocinar o terrorismo internacional; e, como parte de sua estratégia geral de renegar seu passado na Al Qaeda, seu líder, Abu Mohammed al-Jolani, prometeu não fazer isso.

No entanto, haverá um ponto de interrogação sobre a capacidade do HTS de controlar seus aliados e alguns de seus próprios seguidores. No Afeganistão, o Talibã prometeu não apoiar o terrorismo internacional quando retornasse ao poder e aparentemente manteve a palavra. O Estado Islâmico de Khorasan (ISK), sediado no Afeganistão, no entanto, continua a fazê-lo; e de alguma mistura de controle fraco sobre partes do Afeganistão e falta de vontade de se envolver em novos conflitos, o Talibã não foi capaz de impedir isso completamente.

Isso deixa a questão da base naval russa em Tartus e da base aérea perto de Latakia. A flotilha russa baseado em Tartus teria deixado o porto. Isso poderia ser uma evacuação definitiva ou um movimento de precaução para mantê-la no mar até que as relações com o novo regime sejam esclarecidas. Dizem que a base aérea russa está cercada por forças do HTS, mas não foi atacada. Há relatos de que houve um acordo entre Moscou e o HTS para garantir a segurança das bases, mas, se for o caso, esse arranjo pode ser apenas temporário.

Dada a natureza extremamente complicada e incerta de suas relações com todos os vizinhos da Síria, pode fazer sentido para o novo regime de Damasco permitir que as bases permaneçam (talvez em troca de suprimentos russos de petróleo e alimentos) para equilibrar suas opções diplomáticas e econômicas.

Essa questão, no entanto, está intimamente ligada à política do novo regime em relação às minorias étnico-religiosas da Síria, que geralmente apoiavam o regime Baath por medo da opressão islâmica sunita (um medo amplamente justificado pelo destino selvagem de suas comunidades na Síria e no Iraque que caíram para o ISIS).

Na região onde as bases da Rússia estão situadas ao longo da costa do Mediterrâneo fica o coração das minorias cristãs e alauítas da Síria. A dinastia Assad veio dos alauítas, uma seita xiita, e, nos últimos 50 anos, o estado Baath na Síria tem sido em grande parte alauíta. As milícias alauítas desempenharam um papel crucial ao lado do governo na guerra civil e infligiram inúmeras atrocidades a seus oponentes.

Al-Jolani prometeu que não deve haver vingança por isso, que os direitos das minorias serão respeitados e que não haverá imposição de lei islâmica sunita severa. Mesmo que ele seja sincero sobre essas promessas, no entanto, seus seguidores podem pensar de forma diferente.

Um regime liderado pelo HTS em Damasco que deseja tranquilizar os alauítas e os cristãos pode ter interesse em permitir que as bases russas permaneçam. Um regime com medo de revolta das minorias (e apoio externo para tal revolta), no entanto, provavelmente veria as bases russas como um potencial suporte para tal rebelião.

Para que a Rússia possa manter suas bases contra a vontade do novo governo sírio, e com o apoio de forças locais alaúitas e cristãs, exigiria não apenas a intervenção de navios e aeronaves russos, mas também o envio de um número significativo de forças terrestres. Dada a guerra na Ucrânia, é bastante improvável que a Rússia tenha tais forças de sobra.

Além disso – assim como com o colapso igualmente rápido do estado afegão *proxy* dos Estados Unidos – a maneira como as forças do Estado sírio se dissolveram diante das forças insurgentes lideradas pelo HTS dificilmente encorajará a Rússia a continuar a luta na Síria.

De forma diferente, essas questões também enfrentam a política dos EUA para a Síria. Washington tentará manter suas próprias bases na Síria (de onde atacou alvos do ISIS e do regime Baath)? O novo regime fará vista grossa para elas ou tentará forçá-las a sair?

A maior questão de todas para os Estados Unidos considerarem é o destino dos curdos sírios. Durante a guerra civil síria, com ajuda maciça dos EUA e do estado curdo semi-independente no norte do Iraque, as forças curdas sírias (o Partido da União Democrática ou PYD) ocuparam uma enorme faixa do nordeste da Síria, consideravelmente além de seu principal território étnico. Os EUA têm várias bases e operações logísticas na região.

A parte que está fora do país e parece ter sido crítica para a vitória do HTS, e ter lucrado inquestionavelmente com isso, é a Turquia e o governo do presidente Recep Tayyip Erdogan. A ofensiva do HTS surgiu da área controlada pela Turquia no norte da Síria e dificilmente poderia ter ocorrido sem o apoio turco. O uso bem-sucedido de drones pelo HTS sugere fortemente a ajuda turca.

A Turquia tem dois interesses principais na Síria. O primeiro é estabelecer uma situação na qual os três milhões de refugiados sírios na Turquia que fugiram de sua terra natal durante a guerra civil possam retornar para casa. Isso pode ser agora possível, se o novo governo em Damasco puder estabelecer paz e ordem básicas e receber alguma ajuda internacional. Centenas de refugiados já estão supostamente fazendo fila para cruzar a fronteira de volta para a Síria a partir da Turquia.

O segundo interesse turco é reduzir o poder e o território dos curdos sírios, a quem acusou de serem aliados aos rebeldes curdos do PKK na Turquia. Simultaneamente com a ofensiva do HTS contra o regime Baath, os rebeldes do “Exército Nacional Sírio” apoiados pela Turquia e apoiados pelo poder aéreo turco lançaram uma ofensiva contra o PYD curdo (oficialmente designado pela Turquia como “terrorista”), capturando a cidade de Manbij. Isso cria uma situação em que representantes apoiados por um membro da OTAN (embora cada vez mais afastado) estão atacando um representante dos Estados Unidos, sem que os EUA aparentemente consigam fazer muito a respeito.

Se a Turquia pressionar o novo regime de Damasco a se juntar ao ataque aos territórios controlados pelos curdos no nordeste da Síria, isso criará dilemas para Washington semelhantes aos enfrentados pela Rússia no oeste. O governo Trump

abandonaria seus aliados curdos, de acordo com a declaração de Trump de que *“Esta não é nossa luta. Deixe acontecer. Não vamos nos envolver”*? Ou as demandas de “credibilidade” obrigariam Washington a ajudá-los, mesmo ao custo potencial de desencadear uma crise profunda com a Turquia?

O Oriente Médio se assemelha a uma mesa de bilhar, na qual o movimento de uma bola é capaz de fazer as outras dispararem em direções diferentes e, por sua vez, ricochetearem umas nas outras. A diferença é que, diferentemente do bilhar, mesmo o analista mais perspicaz não consegue prever em que direção as bolas se moverão; e nenhum jogador externo consegue controlá-las.

No geral, a abordagem mais sensata, de longe, parece ser a dos chineses, que importam grande parte de sua energia da região, ao mesmo tempo em que evitam intervir e tomar partido nos conflitos locais.

Pois, como um diplomata chinês me disse muitos anos atrás, *“Por que iríamos querer nos envolver nessa confusão?”*.

Publicado no [Responsible Statecraft](#).

**Anatol Lieven é diretor do Programa Eurásia no Quincy Institute for Responsible Statecraft. Ele foi professor na Georgetown University do Catar e no Departamento de Estudos da Guerra do King's College de Londres.*
